2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS — AGRICULTURA — INDUSTRIA — LITTERATURA — BELLAS-ARTES — NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 21. QUINTA FEIRA, 29 DE MARÇO DE 1849. 8.º ANNO.

ADVERTENCIA.

Com pezar vemos que as nossas rasões, tantas vezes expendidas para sustentar o respeito devido em toda a sua plenitude á propriedade litteraria, bem como o exemplo que nos honramos de ter dado, teem sido reclamações baldadas para que se cumpram os nossos desejos.

Com a maior consideração nos dirigimos ainda mais uma vez aos nossos collegas da imprensa, recordando-lhes que em o N.º 10 do presente volume, com data de 11 de Janeiro, publicámos o seguinte, como conclusão do nosso artigo N.º 154.

«Reservamos para nós o direito de reproduzir toda a parte da Revista, que pertence á redacção.

«O direito de reproducção dos artigos dos nossos collaboradores, quando por elles nos não for cedido, só aos referidos collaboradores fica reservado, e que é mister auctorisação sua para se reproduzirem em outros jornaes.

«Se uma vez faltarmos, para com os nossos collegas, ao cumprimento dos principios de justiça aqui expostos, o nosso direito desde então se deve considerar annullado por cedencia expressa e terminante.

«Protestamos contra qualquer violação de taes principios feita desde esta data; e ante os tribunaes requereremos a justiça que assiste ao nosso direito.»

CONHECIMENTOS UTEIS.

Do preço do meio para a remissão dos foros da Corôa e Fazenda.

O artigo que se segue tem por fim a adopção de um principio justo, e que muito póde influir na precaria situação da nossa agricultura.

A idéa de adoptar como preço do meio, para a remissão, um preço que exclue o faminto anno de 1846, não póde deixar de ser acceite por todos os homens que presam os interesses do paiz.

O alvitre de tomar para preço medio o do anno de 1848, parece remover esse grave inconveniente.

A justiça e as necessidades publicas exigem que essa opinião ou este alvitre se convertam em factos por meio de uma modificação na lei.

Esperamos que assim aconteça.

340 A nossa producção agricola tem tido grande incremento, mormente depois de 1833; isto é exacto; os factos dizem-n'o, e muito claramente o demonstrou o nosso distincto economista, o Sr. Marreca. Mas será por isso menos verdade haver a renda *liquida* de *cada* agricultor diminuido n'uma progressão decrescente e aterradora? — De certo que não. O seu estado é realmente calamitoso: definhado e decadente, no meio das riquezas que derrama, o lavrador seria bem retratado em um mendigo entornando a cornocopia.

Elle vê os seus productos estagnados, o costeamento de suas terras a exigir-lhe capitaes, sente bater-lhe á porta o exactor da fazenda publica; abre os seus cofres, e não encontra ceitil. As suas rendas? Essas foram-se para o bolso do usurario em juros de 12, 18 e 24 por 100; consumiram-se no grangeio de seus campos, no pagamento da decima, do subsidio litterario, do imposto addicional, dos foros, em mil encargos que oneram a sua propriedade. N'esta

situação critica, o lavrador não sabe de que se ha de valer: ou hade *queimar* o resto de seus depreciados generos, ou deixar incultas muitas de suas terras, ou abandonar a sua caza ás execuções do fisco, ou finalmente quebrar, extremo a que muitos teem chegado.

Não carregamos as tintas n'este quadro. É a triste e pura verdade. Querem cifras? — ahi vae um exemplo entre mil *. A pipa de vinho de distilação do Riba-Tejo, que, n'estes ultimos tempos, se vendia ainda, em termo medio, a 9$600 rs., vende-se hoje por 2$400 rs.! — e não ha compradores. Sobre este valor bruto pagam-se 21 por 100 de contribuição directa para o Estado! O lavrador nem sequer cobre as despezas de producção, perde, e perde immenso n'este genero. Que importa, pois, que elle produza mais, se elle vende tres ou quatro vezes mais barato, e, sobre isto, vê altear o preço dos salarios, e crescer o imposto? — A massa total da riqueza social engrossa, é verdade; mas a renda *liquida* de cada cultivador deve de ser necessariamente desfalcada: é uma conclusão incontroversa.

N'este estado de crise, qual é o dever do governo social? — Será animar o desenvolvimento da industria fabril, abrir novos mercados á agricultura, promover as instituições de credito, dar impulso á creação das granjas-modelos, e á construcção das vias de communicação? — É; de certo que é; mas o primeiro, o mais immediatamente proficuo de todos os seus deveres seria, se não alivia-la, ao menos não onerar a agricultura de novos encargos.

Determina o artigo N.º 25 do Regulamento de 1847, que o preço do meio para as remissões seja deduzido dos tres annos anteriores áquelle, em que se effectuar a respectiva liquidação. Estes annos dividem-se em dois grupos: — 1845 — 46 — 47; e 1846 — 47 — 48.

É notoria a baixa espantosa que tem havido no preço dos generos; as causas são diversas, mas o facto não é menos verdadeiro. Nós desejamos que o povo obtenha as suas subsistencias, a industria as suas materias primas o mais baratas possivel; mas julgamos que não é racional lançar o machado á arvore para lhe apanhar os fructos.

Não advogamos monopolios, exclusivos, nem privilegios. Somos adeptos da livre concorrencia em commercio *interior*: talvez venhamos a sê-lo no exterior — por ora não.

* Calculo para uma pipa.

Pela lei da decima tira-se ½, ou 1$200 para o costeio: fica materia tributavel 1$200.

Decima	120 rs.
Subsidio litterario	315 »
Cinco por 100 addicionaes á decima; sello dos conhecimentos; contribuição directa municipal; congrua; tudo muito baixo 5 por 100	60 »
Somma...	495 rs.

o que corresponde a 41 por 100 sobre a materia tributavel.

Note-se que quando a pipa se vendia a 9$600 rs. tiravam-se 4$800 rs. para costeio; por que hoje se dá apenas 1$200 rs.: é este, entre outros, um dos defeitos d'este desegual imposto.

Bem entendemos as theorias inglezas; mas é que, Cobden e os *free-traders* convéem á Inglaterra, ao estado florescente da sua industria; Marreca e as *pautas* convem-nos a nós, e ao estado nascente da nossa.

O trigo rijo vende-se este anno no Riba-Tejo a 280 rs. o alqueire; e o *preço do meio*, calculado pelas Camaras Municipaes, é de 435 rs. por alqueire: ha entre elles a enorme differença de 135 rs. em alqueire. ¿Em vista d'esta depreciação, será acaso de equidade obrigar o foreiro a remir por um preço tão exorbitante? Ninguem dirá que sim.

Talvez redarguam: assim como o preço diminuiu podia augmentar, e então lucrava o lavrador. Além de que raciocinamos aqui sobre uma modificação, que deve hoje introduzir-se na lei, em presença do facto existente, accresce que podia prever-se este resultado. Os economistas são unanimes — o que nem sempre lhes acontece — em dar como provado e reconhecido o facto de que a população agricola não cresce n'uma proporção tão forte como a sua producção: partindo d'aqui, fica claro que só um desenvolvimento, por assim dizer, parallelo da industria fabril poderia amplificar convenientemente o mercado dos productos agricolas. Este desenvolvimento, com quanto felizmente real entre nós, tem todavia progredido mais lentamente que a producção agricola; a *offerta* dos productos da agricultura é pois mais intensa que a sua *procura*, o que tende a diminuir-lhe o preço no mercado. Por outra parte, o accrescimo de producção, entre nós, não tem sido a consequencia do aperfeiçoamento nos processos de cultura, senão o resultado da maior extensão da área successivamente amanhada. Começou-se, naturalmente, pelas melhores terras; as que em seguida se tem cultivado, sendo mais ruins, vão sendo menos productivas: portanto, ainda quando o preço dos generos se conservasse constante, o lavrador ganharia menos; baixando elle, já se vê quanto os seus lucros devem de ser menores.

Estas breves reflexões deixam fóra de duvida que a situação do lavrador é cada vez mais critica, e que, não sendo justo, ainda é menos economico, grava-lo com um *preço do meio* superior ao *preço actual dos generos*.

Em ultima analyse entendemos que a medida mais acertada e proficua, e até urgente, que o Parlamento tem hoje a adoptar sobre este assumpto, é de estatuir que o capital das remissões dos foros da corôa e fazenda seja calculado, tomando-se por unidade de valores o *preço do meio* apresentado pelas Camaras Municipaes para o anno de 1848.

A questão é de justiça e interesse publico; entregamo-la á ponderação de todos os homens imparciaes.

J. T. Lobo de Avilla.

Apontamentos estatisticos sobre a cultura do vinho da Ilha da Madeira.

II

341 Começarei por mencionar um elemento estatistico, que no primeiro artigo me esqueceu apontar.

Ha na Ilha da Madeira 13 alambiques, sendo 3 na cidade do Funchal, 1 em Santa Cruz, 1 na Ponta do Sol, 1 em Porto Moniz, 1 em Ponta Delgada, 3 em S. Vicente, 2 em S. Jorge, 1 no Faial, os quaes fervem, termo medio, 7 a 8 mil pipas de vinho.

A introducção dos alambiques na Madeira data do anno de 1822. Antes d'essa epocha toda a aguardente era importada de França, com o que soffria a ilha consideraveis perdas. A aguardente estrangeira, de 18 gráus, custava 5$000 rs. por gallão, em quanto que a madeirense, de 28 a 30 e tantos gráus, custa 1$300 a 1$500 rs. por gallão. A importação d'esse genero fazia sahir numerario da ilha, ao passo que hoje o preço que por elle se dá serve para animar o giro interno. Demais d'isso, afora haver quem opine que a aguardente madeirense se identifica mais vantajosamente com o vinho do mesmo solo, é certo que hoje resta ao pobre lavrador o recurso de ferver o vinho, quando vem uma extraordinaria colheita, ou quando se verifica uma grande estagnação no mercado; e se, por ventura, nos tempos mais prosperos do commercio da ilha houvesse já alambiques, não se teria exportado vinho de ruim qualidade, que muito desacreditou o da Madeira.

Examinarei agora se na actualidade tem a Madeira algum genero, afora o vinho, que possa constituir-se objecto de avultada exportação, e por consequencia uma fonte de riqueza e prosperidade d'aquella formosa possessão portugueza.

A cultura da *canna do assucar*, que n'outro tempo se fez em tão larga escala, está hoje reduzida a mesquinhas proporções, e com grande magua me acodem ao pensamento estas palavras do auctor da *Historia Insulana*: «E o Infante, sabendo das muitas «aguas e ribeiras que havia na dita ilha, providen«tissimamente mandou buscar a Sicilia plantas de «cannas de assucar, e mestres de o fazerem, para o «mandar fazer na ilha, e tal effeito teve, e com tal «successo, que o assucar da Madeira é o melhor que «se sabe haver no mundo, e tem enriquecido a mui«tos mercadores, assim forasteiros, como naturaes da «ilha.» Tenho apenas noticia de existirem 4 engenhos de moer cannas, sendo um em S. Martinho, um na Ribeira dos Accorridos, um na Praya, um em Camara de Lobos, os quaes todos produzem talvez 60 pipas de melaço, e 10 de aguardente.

O *café* deve reputar-se um producto muito rico. A cultura é infinitamente menos dispendiosa do que a da vinha, e a venda do fructo muito mais facil. Desgraçadamente, porém, o café não é cultivado em grande escala na Madeira; sendo um facto que se encontra só nos sitios mais abrigados dos arredores do Funchal, e é opinião de lavradores intelligentes, que as tentativas feitas n'outros pontos não teem produzido vantajosos resultados, nem provavelmente os produzirão jámais.

O *trigo* que a ilha produz annualmente, nem sequer chega para o sustento da população em tres mezes.

A cultura do *centeio* e *cevada* é ainda muito menos consideravel.

O *milho*, que ainda ha pouco era apenas semeado como uma amostra, já no anno findo (1848) começou a ser cultivado em ponto maior. Sem embargo, porém, de que no norte da ilha muito se vá desenvolvendo a cultura do milho, e de que [illegible] tenham já dado grandes passos n'este sentido, [illegible] davia certo que jámais poderá dispensar-se a importação de avultadas porções d'aquelle genero. O resultado a que unicamente aspirei, nas diligencias que na Madeira tenho feito para promover a cultura do milho, foi o de que os madeirenses aproveitassem todo o terreno proprio para aquelle destino, e que passem uma porção de numerario, que dão annualmente aos Estados-Unidos e a outros paizes.

A cultura de *legumes* é quasi nulla.

A *batata* (os madeirenses chamam-lhe *semilha*, e dão o nome de batata á batata doce) era cultivada em grande extensão antes da molestia que accommetteu aquella planta; mas se a fatal epidemia vier a cessar de todo, é de esperar que o abençoado *pão dos pobres* restitua aos camponezes a abundancia, que, por tantos annos, lhes proporcionou. É porém certo que jámais poderá constituir um objecto de avultada exportação.

Para melhor determinar o que deixo apontado ácerca dos cereaes e legumes, apresentarei os seguintes esclarecimentos:

No anno de 1847 produziu a Madeira

Trigo	2.459	moios
Cevada	503	»
Milho	23	»
Centeio	259	»

N. B. A producção de legumes é de tal modo limitada, que não merece ser referida.

No mesmo anno importou de Portugal, Açores, Cabo Verde, Estados-Unidos, etc.

Feijão	245	moios	59	alqueires
Grão de bico . .	6	»		
Fava	64	»	56	»
Aveia	34	»	41	»
Cevada	59	»	27	»
Centeio.	121	»	50	»
Milho	8.446	»	32	»
Trigo.	3.798	»	18	»

N. B. Afora o trigo e milho em grão, importou tambem, e importa annualmente uma grande quantidade de farinhas.

No que toca a artigos de producção e industria, que a ilha exporta, devo mencionar os seguintes:

Trança de palha para chapéus.
Chapéus de palha.
Algum café.
Doce de cidra e de outras qualidades.
Obras de cera.
Flôres de penna.
Alguns artefactos de marcenaria, etc.

Mas tudo isto é de limitado alcance, e por modo algum, como é obvio, póde considerar-se como objecto de avultada exportação, e conseguintemente de riqueza.

A Madeira poderia tirar da *cochonilha* os lucros que nas Canarias se estão já colhendo; poderia dar-se largamente á cultura da *mamona*; poderia entregar-se em grande escala á cultura da amoreira, e fa-

brico da seda, e a outros ramos de industria agricola; mas é certo que por emquanto de nada d'isso se cura.

Pela resenha que acabo de fazer, evidentemente se conhece que a Madeira não tem actualmente genero algum de avultada exportação, a não ser o vinho. Tenho para mim que póde augmentar muito a sua riqueza, alargando a esphera da sua industria, e soccorrendo-se ao poderoso espirito de associação, que necessariamente ha de communicar-lhe a actividade e a vida, que agora lhe faltam. Mas esse desenvolvimento ha de levar-lhe muito tempo, e eu tracto da actualidade; além de que, por mais adiantada que na serie dos tempos se possa imaginar a Madeira, jámais poderá ella, nem deverá prescindir do manancial de riqueza, que naturalmente tem no seu precioso vinho.

E comtudo, quantas circumstancias, já da parte da natureza, já da legislação fiscal, não tendem a desfavorecer este genero!

A disposição geologica da ilha torna sobre maneira dispendiosa a cultura das vinhas. Os terrenos, pela maior parte montanhosos, e em declivio, precisam indispensavelmente de ser preservados dos estragos das torrentes, que se precipitam das serras. Para este fim são construidos, a pequenos intervallos e parallelamente, fortes socalcos ou muros de pedra, destinados a conter a terra vegetal, evitando que ella seja arremessada ao mar pelas enxurradas.

Por outro lado, a estructura natural do solo, facilitando consideravelmente a evaporação, torna necessarias custosas regadias, sem as quaes a maior parte das vinhas seccariam n'um paiz tão calido e ardente.

A maxima parte da costa é bravia, cheia de penhascos e escolhos, de sorte que o embarque do vinho para a cidade offerece grandissimas difficuldades, do mesmo modo que é arriscado, sobre dispendioso, o seu transporte em barcos costeiros, ou mesmo pelo interior, atravez de alcantiladas rochas e medonhos precipicios, ás costas dos miseraveis camponezes.

Ainda com relação ás difficuldades naturaes é mister ponderar, além do custo do amanho ordinario das vinhas, o da manipulação e especial tractamento do vinho da Madeira.

Vejamos agora, resumidamente, como, apesar de tudo isto, a legislação fiscal contempla o genero de que tractamos.

Na Madeira está o vinho sugeito aos seguintes encargos, que, ou o lavrador, ou o negociante, pagam:

Dizimo, finto, subsidio litterario, real d'agua, direitos d'estufa, direitos sobre aduella, etc., para pipas, direitos de sahida na alfandega.

Fazendo a conta a estes encargos, e suppondo que uma pipa de vinho do norte da ilha custe em poder do lavrador 10$000 rs., pezam sobre ella, no momento da exportação, 70 a 80 por cento de direitos! E applicando os mesmos dados a uma pipa de vinho do sul, e dando-lhe o valor de 30$000 rs. em poder do lavrador, pezam sobre ella 30 a 40 por cento de direitos.

Ponderem-se, a par d'isto, o demorado empate dos vinhos nos armazens da ilha, ou nos dos portos para onde é embarcado, as vicissitudes do commercio, a concorrencia que o negociante vae encontrar nos mercados estrangeiros, e sobre tudo... que se tracta de um genero de luxo, de um genero sugeito até aos caprichos da moda!

Como respondem os factos a estas asserções?

Em quanto durou a guerra continental floresceu o commercio da Madeira; os seus vinhos obtiveram o mais alto preço, porque podiam supportar os grandes direitos que o sobrecarregavam, bem como as excessivas despezas do amanho, manipulação e tractamento. Cessou porém esse estado de coisas, abriram-se ao commercio as portas da Europa, e desde logo os vinhos da Madeira começaram a encontrar a terrivel concorrencia dos de outros paizes, ou naturalmente mais baratos, ou mais favorecidos pelos respectivos governos.

O vinhos da segunda qualidade da Madeira, destinados unicamente ao commercio de especulação, estão reduzidos a insignificantes preços no poder dos lavradores, tanto mais quanto, por sugeitos a pesados encargos, não podem ser exportados com vantagem. Não podendo os negociantes competir no preço e qualidades com os vinhos estrangeiros nos mercados d'Inglaterra e America do Norte, apenas especulam para alguns portos do Baltico, limitando o grosso das suas transacções a cumprir *ordens* por vinhos da primeira qualidade.

E a final, o pobre lavrador mal póde pagar-se das despezas da cultura e manipulação, porque o negociante não póde offerecer-lhe lucros, que de bom grado lhe proporcionára, se elle proprio os obtivesse.

. . . . . .

Muito ha ainda que dizer sobre o assumpto, sendo aliás forçoso examina-lo debaixo de outros aspectos, e discutir differentes questões economicas, que com elle teem immediata relação. — D'isso nos occuparemos successivamente.

José Silvestre Ribeiro.

PARTE LITTERARIA.

O drama Camões.

342 Meu amigo. — Depois do optimo gasalhado que os nossos amigos poetas fizeram ao meu drama *Camões*, lido no serão de sexta feira ultima, levantou-se, a respeito da mesma obra, uma ballela não sem fundamento, mas injusta, e para mim affrontosa, á qual por isso darei aqui franca e leal explicação, como costumo.

Disse-se, segundo me consta, que o drama não era original, mas traduzido de outro francez, representado e impresso — e que eu, por obra da minha lavra, o apresentára.

Eis-aqui a verdade. Existe um drama francez, intitulado *Camões*, escripto por dois auctores, representado em París, e lá mesmo impresso; e esse drama (que eu possuo) foi o despertador, e o fundamento do meu; mas o meu não é traducção d'aquelle, é-o ainda menos do que a Eneida o é da Illiada, com haver da Illiada muito e muitissimo na Eneida.

Valerio Flacco, na *Argonautica*, não perdeu foros de original, por ter seguido Apollonio de Rhodes. Ovidio traduziu muito os gregos sem o dizer. O Ariosto copiou centenares de oitavas dos romanos antigos, de Bocacio, e de Bernardo Tasso. Racine fez a sua *Andromacha*, e a *Ephigenia*, sobre os modelos athenienses, de que transcreveu scenas inteiras. Voltaire aos parisienses que lhe applaudiam o *Edipo*, exclamou: *Courage, Athéniens, c'est du Sophocle*. Os exemplos são infinitos.

Falto, como sou, e sempre o confessei, d'aquella especie de talento com que se inventam os enredos, aproveitei aquelle, que me pareceu summamente bem disposto, havendo scenas, e muitas, não só imitadas, senão quasi traduzidas — rasão porque, por um escrupulo, não sei se bem se mal entendido, puz logo no titulo da minha obra: *Camões*, liberrimamente imitado do francez, dos Srs. . . . . por . . . Tanto assim que ahi estão os Srs. Bertrand, e Borel, honrados negociantes de livros, a quem elle, ha mezes, foi apresentado, a ver se o quereriam imprimir, levando toda a sobredita declaração, que lá está ainda no rosto do manuscripto. É mais que evidente, que só um louco d'estes que pertendem tapar o céu com uma joeira, se poderia lembrar de que uma obra imitada poderia impunemente inculcar-se por inteiramente original.

Até aqui justiça aos dois francezes; agora justiça tambem para mim. O meu drama tem o dobro do francez: o segundo acto, se houvesse de imprimir-se, com o francez em correspondencia, apresentaria dezenas de paginas seguidas sem uma só palavra do lado francez; v. g., toda a episodica representação do Auto, e a subsequente coroação das damas, etc. O acto quinto é quasi todo inteiramente novo; a scena intima entre o poeta e o Jáo em que o primeiro percorre desanimado, e rasga os seus manuscriptos, e por cartas se despede dos amigos ausentes; o presente dos doces e flores pela mulata Barbara; o episodio do menino mendigo; o adormecimento do poeta ao som da canção do seu captivo; a scena da janella e o tecer das corôas, o crucifixo e o escudo, e os accessorios externos da noite de Natal, nada d'isto se acha nem sequer apontado na brochura estrangeira; até o proprio final da peça é não só differente das duas variantes apresentadas pelos francezes, porém, permittase-me dize-lo, muito superior a qualquer d'ellas.

No quarto acto, a scena dos agoiros; no primeiro aquella que passa entre o estalajadeiro e o adello, e em que historicamente se faz a exposição do genio e costumes de D. Sebastião; no 3.º, a noite de S. João, que não é talvez o somenos do poema, tudo isto é sem precedente no opusculo impresso, e muito mais adiante poderia ainda ir a acareação, se qualquer, dentro em pouco, a não podesse fazer, pois o francez está impresso, e o portuguez brevemente o estará.

Ha mais ainda: o caracter do meu *Camões* é mais retrato que o estrangeiro; o Jáo, que eu fiz poeta, não o é lá; a um imaginario duque de Soria substitui, absolutamente creado de novo, o escrivão da puridade Martim Gonçalves. Elrei lá é um namorado doido; substitui-o por um D. Sebastião historico, exaltado, excentrico, poetico, e amador de livros; em summa, o enredo é francez, mas como os francezes não tinham estudado, nem adivinhado, nem Portugal, nem a epocha da acção, em tudo isto tive eu de crear, e creei.

N'estes termos já se vê, que, se pequei, foi mais em encolhimento do que em vangloria, quando chamei imitação a uma obra em que tanto puz de estudo, de affecto, de phantasia, e, sobretudo, de vernaculidade.

Temos as nossas contas correntes: quando o meu opusculo sahir a lume, quem quizer que o confronte com aquell'outro; e já póde ser que, apezar do seu germen estrangeiro, lhe reconheçam mais algum valor intrinseco do que em muitos originaes. O enredo é francez, a acção nem toda, os principaes caracteres são meus — meus, mil episodios, e accessorios, dos que mais effeito produziram nos bons engenhos que se dignaram assistir áquella leitura — meu finalmente quasi todo o estylo — e a linguagem minha, ou antes nossa.

Meu charo amigo, não é com o conhecido dito: *Je prends mon bien où je le trouve*, que eu hei de defender a quasi originalidade, ou originalidade do meu *Camões*; é com uma consideração mais alta, que nenhum dos bem iniciados na arte de escrever deixará de admittir — a fórma, em certos generos de obras, é muitas vezes mais que o proprio fundo.

Lisboa, 20 de Março de 1849. Sou, etc.

A. F. de Castilho.

A promessa do barqueiro.

In te, Domine, speravi; non confundar in æternum.

Psalmo *de David*.

343 Pelas aguas azuladas,
Socegadas,
Correi, barca aventureira,
Bem ligeira,
Que as ondas serenas vão:
Boa feição
Mostra o vento socegado;
Vae pausado
Leve barco, não medroso
Do iroso
Furacão, que longe anda
Em demanda
De outros nautas foragidos,
Que, atrevidos,
Sulcam ondas do mar alto,
Sobresalto
Da tormenta, que, tristonha,
Vem medonha
Assaltar o mareante,
Navegante
De outro mar, onde a procella
Quebra a vela
Da falua destemida,
Que, fendida,
Veloz corre á perdição.
A salvação
Anda longe das profundas,
Iracundas

Do mar alto bravas ondas,
Que, hediondas,
O baixel levam ao fundo
No profundo,
Vasto pelago, sanhudo,
Triste e mudo,
Onde só ha perdição,
Sem salvação.

Pelas aguas azuladas
Correi, barca aventureira;
Essas ondas vão bem quedas,
Não ha susto na carreira:
Pelas aguas azuladas
Correi, barca aventureira.

Vela por nós, carinhosa,
A Senhora da Bonança:
Haja no pulso firmeza,
E no peito haja esperança,
Que por nós vela cuidosa
A Senhora da Bonança.

A dizer estas palavras
O barqueiro,
E a tornar-se o céu escuro,
De lindo e puro,
Que era d'antes do perdido
E tão subido
Mavioso encantamento.
Manso vento,
Que sorria ao navegante,
Vem possante
Do baixel bater na prôa:
Rijo sôa
O trovão, que já vem perto;
Jaz incerto
Em negros rolos de fumo
O pobre baixel sem rumo.

« Valha-me aqui n'este aperto,
« N'este mal sem esperança,
« A protectora dos nautas
« A Senhora da Bonança.

Amainou-se o rijo vento,
Tornou-se manso de agreste,
Que a Senhora lhe apparecia
Com seu manto azul celeste.

« Valha-me aqui n'este aperto,
« N'este mal sem esperança,
« A protectora dos nautas,
« A Senhora da Bonança.

Foi-se de todo a procella!
Lindo céu! Faz gosto ve-lo;
Que a Senhora da Bonança
Lh'imprimiu da paz o sello.

Prometto agora á Senhora,
Protectora,
Do meu barco a vela grande,
P'ra que mande
Sempre paz, sempre bonança,
Que abalança
Pobre nauta a ir sem medo
Do penedo,
Que se eleva presumpçoso
E alteroso.
Faço jura de pregar
No seu altar
Roto leme, que, por Ella,
Da procella
Me livrou por compaixão
Da sua mão.

Eram passados dois mezes
Que a Senhora da Bonança
Soccorrêra o naufragante,
Sem já restos d'esperança;

Quando sancta procissão
A vela grande levava
A depor no altarzinho
Onde a Virgem se adorava.

Um roto leme fendido,
Aos pés da Virgem pendente,
Aos devotos da Senhora
Lembra o voto penitente.

Cumprida fica a promessa,
Ganho fica outro trophen,
Que não ha maior poder
Que o poder que vem do céu.

O destemido barqueiro
Póde de novo soltar
Seu canto de confiança
Nas aguas azues do mar.

« Vela por nós carinhosa
« A Senhora da Bonança;
« Haja no pulso firmeza,
« E no peito haja esperança,
« Que por nós vela cuidosa
A Senhora da Bonança.

L. A. Palmeirim.

Lamartine e Raphael.

(Continuado do n.º 20.)

344 Ao primeiro quadro do manuscripto, que Raphael deixa no mundo para representar a eternidade do seu amor, serve-lhe de fundo a melancholia, com que a natureza reveste a entrada da Saboia.

Cordilheiras de montanhas, indo despenhar-se em valles amenos e desertos; lagos, em que as rochas e as campinas se espelham, como se mão invisivel houvesse traçado no seio das aguas essas paizagens movediças; e os Alpes dominando tudo, como tronco gigante, de que partem varias series de rochedos similhantes a raizes tortuosas, que os seculos houvessem envelhecido, meio sumidas na terra.

Fazei destacar d'este quadro, com o relevo d'uma estatua, um d'estes corpos, que parece não pesarem sobre a terra. Imaginae que o rosto, esse espelho da

vida, mostra uma flôr dos Tropicos, pendida á beira de um dos muitos regatos que cortam a Europa, durando só breves instantes, depois das suas petalas se haverem custosamente desabrochado ao morno bafejo do sol, que até lhe parece frio longe do seu clima: animae, como Grandville, esta planta antes que tenha de morrer — desenhae, pelas linhas do seu contorno, um rosto de mulher, e tereis o retrato de Julia, nascida na Virginia — perdida em um naufragio, em que a mãe lhe morre quando fogem á matança dos brancos em S. Domingos, e achada por uma negra, que lhe val, e que depois a restitue a seu pae. O rosto vos parecerá oval como o de uma figura grega; os cabellos pretos como ebano, e brilhando como o diamante negro, sem despedirem de si a luz, que parecem absorver, hão de contrastar com a pallidez, que se espalha por toda a phisionomia como o ultimo e alvo clarão da aurora boreal. Nos labios vereis que a morte gravou a primeira syllaba do seu nome, prendendo-lhe um sorriso, que os não deixa. Os olhos vos revelarão essa côr do céu desassombrado de nuvens, e que se gradua por mil modos com a influencia do astro do dia — essa mesma indifinida graduação de côr observareis sempre em taes olhos, porque andam, como o horisonte, sujeitos á influencia de qualquer paixão, que lhes sirva de astro da vida.

Esta foi a mulher que, orphã de pae e mãe, educada com fausto em um dos collegios que a França destinava para os filhos dos que tinham bem merecido da patria, ao entrar no mundo encontra um pae em um respeitavel ancião do tempo do imperio, que, pelo nome de marido, só tenta conceder-lhe a gloria do seu nome e os haveres da sua fortuna. A benção da Igreja não une um marido a uma mulher, mas sim um pae a uma filha.

O coração de Julia fica livre com este consorcio, porque seu marido não lhe pede senão o affecto e a consideração, que a natureza ligou aos laços do sangue.

A organisação de Julia padece — a sua passagem na terra tem de ser breve; mas, em quanto a sua existencia dura, como sonho de virgem, nascido no meio do povo de Moysés, um velho respeitavel como um patriarcha da antiga lei, vela a seu lado.

Julia encontra Raphael no meio d'esse mesmo quadro da natureza em que nós a collocámos.

A sympathia aproxima primeiro as suas duas almas — depois a gratidão — porque elle lhe salva a vida — e o amor vem ao cabo para os unir com um santo e devoto affecto. É este o ponto que serve de base ao livro, e que póde ser contrariado por quem o não quer comprehender, ou por quem não admitte a excepção como coisa que pertence a este mundo, e que muitas vezes serve para expressar esse ponto, a que chamam perfectibilidade, e que une o mundo conhecido com o desconhecido.

A perfectibilidade no sentimento, como em tudo, não é a regra — pois que a generalidade é a lucta.

O amor pertence a este mundo: mas quando encontra um obstaculo, que se não póde vencer sem deshonra, quando um preceito da Igreja, a fama de uma mulher, o descanço de um velho, que, no ultimo degráu da vida, só exige que o deixem descer para a campa sem que tenha de córar diante dos outros homens, estão ante elle, então todos estes obstaculos são outros tantos marcos que da terra o conduzem pelos caminhos do céu.

Lamartine podia ter feito do seu livro a apotheose do adulterio; mas quiz antes que elle fosse a descripção de uma das mais trabalhosas e difficeis phases do coração humano.

Tudo é possivel no mundo, seja crime ou virtude. Se acreditaes n'esses abysmos de depravação, que se nos abrem ante os olhos em tantas das obras modernas, não duvideis de que uma vez o espirito triumphasse da materia.

O autor de Raphael não desconheceu que devia deixar alguns traços d'essa lucta nas paginas do seu livro: o suicidio no lago, as palavras que Julia profere quando visitam o asylo de Rousseau, attestam o que dizemos.

Quando o logar da scena se muda para París, as relações do amor não mudam.

O marido de Julia completa a sua missão de pae. O amor, que não póde offender a sua memoria, é por elle sabido. As salas do seu palacio todos os dias se abrem para Raphael, que ahi vem passar uma hora.

A pobreza, como a sombra de um cypreste, a projectar-se sobre Raphael neste grupo de ternos affectos, faz derramar ao desventurado mancebo algumas lagrimas sobre as paginas do seu manuscripto.

Para ir a París, Raphael recorre ao amor de sua mãe, que, na parca abastança que a cerca, ainda encontra um diamante que entrega a seu filho, para este comprar, por algum tempo, a sua residencia na capital da França.

Onde a mocidade dissipa grandes fortunas, Raphael economisa os seus acanhados recursos; onde os da sua edade dissipam o tempo, Raphael estuda. Ao seu lado muitas existencias se consomem no delirio brilhante da vida, envoltas no fausto e nos prazeres; mas, em quanto a lembrança d'esses se varre de sobre a sepultura em que findam, ou de ao pé da desgraça em que se escondem, como se fossem columnas de fumo que o vento desfaz, a historia da litteratura moderna regista nos seus annaes, com o nome de Lamartine, o premio devido ao estudo, ao genio e ao infortunio do triste Raphael.

Apesar da rigorosa economia da sua vida — a necessidade o insta a ponto, que, tomando um manuscripto, em que estavam reunidas as mais apaixonadas harmonias da sua alma, procura um editor que lh'o compre. Era uma especie de profanação vender em mercado publico o que era tão do intimo da vida; mas a sociedade exige muitas vezes d'estas e maiores provações.

Os editores de París não comprehenderam a obra do novo poeta, que, ao vê-la engeitada por estes eternos representantes do bom ou máu gosto do publico, o queimou folha por folha. O periodo do livro, que se refere a este ponto, bem como o que serve para descrever o conceito que Raphael fórma de varios auctores que estuda, são dois trechos que se não podem deixar de citar.

A parte que se refere á primeira ausencia de Julia, é tambem inspirada com vehemente paixão.

A lucta entre as doutrinas religiosas do seculo passado, representadas por Julia, e o Christianismo, que

Raphael professa com devoção, parecendo a principio descripto com certa incerteza ácerca do lado para onde tem de pender a rasão, cresce de interesse e toma calor á sombra d'essa arvore, a que o auctor chama arvore da adoração. E Julia deve ao amor a bemaventurança de uma crença, que allumia as trevas da alma com a fé, que ainda no céu vae procurar o cumprimento do que não alcançou na terra.

Aproximemo-nos do final do livro, e vejamos entretecer nas palmas da gloria mais alguns espinhos para corôa do infortunio.

As folhas começam a seccar, e a vida, que tem medida a distancia que a separa da sepultura, é cada vez mais debil; Julia padece mais do que nunca; o seu coração adivinha o que lhe não dizem; conta os dias de vida; e, vencendo o amor com o amor, faz com que Raphael se ausente d'ella, para, no seio da sua familia, restabelecer a saude, que tambem lhe falta, e para depois se encontrarem no logar que primeiro os viu sorrir para o céu, como se não lhe estivesse destinada outra esperança!

Raphael parte: ao lado da sua dôr o segue a pobreza, que se vae sentar com elle ao pé do lar domestico. Paga o porte das cartas, que recebe de Julia, com o producto da venda — de custosa separação — de alguns livros, fieis companheiros de suas magoas.

O sonho mais querido da sua vida não se póde realisar, porque nem mendigando poderá chegar a essas montanhas encantadas, em que espera tornar a ver Julia. Este desgosto lhe lavra pela existencia como chamma que a devora; mas Deus, por meio de sua mãe, lhe vem acudir.

Quando, ao começarmos este trabalho, fechámos o livro de Raphael, foi tal a impressão que nos causou o ponto de que vamos fallar, que da penna nos fugiu um indicio do que tinhamos no coração; e apresentamos Raphael armado só pelo amor de mãe contra os grandes pezares da vida.

A mulher, que sabe ser mãe, é a coisa mais santa e augusta do mundo: a sua vida recorda sempre aquella herança de amor, que Jesus deixou ao mundo aos pés da cruz, quando, voltando-se para o Precursor, lhe disse, como se fallasse ás gerações futuras: «Ahi tens tua mãe.»

Não sabemos que haja quadro mais digno do casto pincel de uma donzella, do que a copia d'essa pintura tão cheia de vida, que a penna de Lamartine traçou ao descrever as arvores seculares, que tinham sido respeitadas pelas edificações, surgindo, com os seus troncos carcomidos, de um tapete de relva, e servindo de abrigo á mãe, que encosta aos joelhos o filho, que, á sombra d'essas arvores, foi acalentado, em quanto o pae o contempla, sentado ao seu lado, ao voltar da caça, pendurando nos troncos a polida espingarda para folhear as paginas de um livro, e tendo ainda os cães arfando em volta de si. Apagae este esboço, e traçae os contornos do moço Raphael, adolescente, a ler Homero e Telemaco sobre esse mesmo tapete de relva, e á sombra d'essas arvores: imaginae estas scenas repetidas para outros filhos, e dizei depois se taes arvores podiam ser cortadas sem parecer que dos seus troncos sahia sangue, e que das suas folhas cahem lagrimas?

Para a mãe de Raphael foram o oasis da sua dôr, tão deserta de esperanças e confortos. Transforma em vil moeda estes padrões de sentimento, e apenas uma fica de pé para contar no futuro a historia d'este maternal sacrificio.

As mãos do filho tremem ao receberem esse oiro, por que as arvores foram vendidas; o seu contacto parece queima-lo, como se lhe aproximassem o fogo em que tinham de ser convertidas e dissipadas aquellas suas respeitaveis recordações da infancia.

Como o peregrino, animado pela esperança, parte para o logar em que o seu amor começou, sem animo para se aproveitar de tal dinheiro: caminha quasi como um mendigo. Ao chegar, depois do sol se haver sumido para além dos Alpes, a estrella da sua vida lhe cahe na sepultura de Julia; um testamento de amor lhe é entregue por mão amiga. Esta scena, estas cartas são breves, mas repassadas de lagrimas.

As ultimas paginas de Raphael cançam a alma, como se fosse acompanhando aquellas victimas até ao calvario do supremo padecer.

Depois da morte de Julia, Raphael só vive para que a sua memoria não morra.

O livro de Lamartine levará até á posteridade a recordação eterna d'este amor, premiado no céu com a santa corôa do martyrio.

Recordação.

..... em adoração, porque durante
esta idade, no gesto, nos meneios,
na voz, no volver d'olhos da virgem,
no ambiente que a cerca ha o quer
que é d'anjo, ha o quer que é do ceu.

HERCULANO — *Monge de Cister.*

345 Era noite: nas aguas de prata
Meiga a lua s'estava a mirar,
N'esse espelho que a vela retrata,
Qual da virgem no gesto o pensar.

Ella ía na pôpa sentada
Tristes olhos na lua a fitar,
E no pallido rosto pousada
Vinha a lua seus raios quebrar.

E seu corpo, tão fragil, tão lindo,
Era todo de negro trajar,
E ficava qual fumo fugindo
Desenhado na luz do luar.

E meu barco no Tejo corria,
Vinha a brisa na vela brincar;
O barqueiro deitado dormia,
E eu á sombra da vela a pensar.

E pensava... qual sonho divino
Pela mente sentia passar;
E no peito formava-se um hymno,
E eu a terra julgava deixar!

Ó anjo de Deus!
Ó rosa singella!
Ó filha dos céus,
Que os anjos mais bella!

O doce harmonia!
Tu és o meu dia,
A minha alegria,
Tu és minha estrella!

A sina trazia
Já quando nasci,
Qu'esta alma devia
Viver só p'ra ti,
E ser tua escrava,
Queimar-se na lava,
Que o peito lançava
Apenas te vi.

Tua alma, enlaçada
Nos céus, era a minha;
Mas esta, coitada,
Vivia sósinha
Na terra; encontradas
Agora, abraçadas,
Serão bem firmadas
Esp'ranças que eu tinha.

Na terra comigo
Não queres passar?
No céu um abrigo
Pareces mirar?
Larguemos os véus,
Voemos aos céus,
E vamos de Deus
A benção buscar.

Rijo vento, na vela batendo,
Veio a sombra em seu rosto poisar,
E eu convulso fiquei e tremendo,
Negro agoiro julgando encontrar.

Assim era!... mysterios da vida
Que difficeis não são d'explicar!
Quiz a sombra dizer — Despedida,
Que de noite recordo ao luar.

Fevereiro — 1849.

A. de Mello.

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

21 a 27 de março.

Diario n.º 70.

346 Instrucções mandadas observar aos commissarios e visitadores, que vão inspeccionar as recebedorias.

Mappa da importancia dos documentos de cobrança não realisada do Districto de Ponta Delgada. É a sua importancia total de 96:870$375 réis.

Dito n.º 71.

Conta da receita e despeza dos cofres de Lisboa, no mez de Janeiro de 1849. — Foi a receita de 409:670$057 réis.

Dito n.º 72.

Portaria, mandando consultar a Commissão permanente das Pautas sobre o requerimento de varios negociantes e proprietarios de vinhos de Lisboa e Porto, que pediam que as garrafas estrangeiras, que servissem para exportação dos vinhos, não pagassem direito de entrada, quando se verificasse que haviam sido exportadas.

Soccorro para a Infancia Desvalida.

347 Ainda bem que a luz da charidade, como um reflexo do céu, esclarece por vezes o carregado horisonte que nos cerca.

As orações dos innocentes desvalidos protejam sempre a vida das pessoas caridosas, que em Coimbra realisaram o pensamento de abrir um leilão e uma loteria em seu favor.

Quasi todos os objectos, que se venderam, tinham sido offerecidos por senhoras, não só de Coimbra, mas tambem de Lisboa e do Porto.

O leilão produziu 300$000 rs.; a loteria deve produzir mais.

Louvor seja dado, não só ás pessoas que tomaram parte n'este abençoado acto, mas tambem ao Presidente do Asylo, o Sr. Adrião Forjaz.

Theatro Academico.

348 No dia 21 do corrente se representou em Coimbra, no Theatro Academico, o novo drama do inspirado auctor dos Soláus, *O Arabe*.

As noticias que tivemos, todas se referem ao merito litterario d'esta nova producção do Sr. J. F. de Serpa, e são concordes em lhe assegurar subido merito litterario, e grande energia de colorido na representação do principal personagem.

Com prazer registamos mais uma gloria para um nome, a quem a Revista deve a honra de duas collaborações distinctas.

Procissão em Loulé.

349 Rr. Redactor. — Em continuação da minha ultima, de 13, sobre as faltas d'agua, preces publicas, e outros actos religiosos, folgo em dizer, que, no dia 18 do corrente, convocadas as diversas corporações civis, administrativas e religiosas, se effectuou n'esta villa uma solemne procissão de penitencia; reuniram-se as diversas corporações religiosas, todas as auctoridades, e pessoas de maior credito e representação d'este concelho, os quaes, todos com a maior devoção e penitencia, se dirigiram á capella da Senhora da Piedade, de que já fallei na minha ultima; objecto dos maiores respeitos e veneração d'este povo, acompanhando este prestito talvez um numero não menor de 6:000 pessoas. Sr. Redactor, não sou hypocrita nem supersticioso, mas devo relatar a verdade: a atmosphera superior estava limpa como nos bellos dias de Junho; mas, apenas a Imagem é chegada fóra do portal da sua capella, as nuvens da

parte de noroeste se apresentam dando symptomas d'agua, symptomas que felizmente apresentaram o resultado desejado; isto é, baixando a dita Senhora do alto cume onde existe a sua capella, e encontrando-se, na planicie á entrada d'esta Villa, com a respeitavel Imagem do Senhor Jesus dos Afflictos, que d'alli acompanhou a dita procissão para a Igreja Matriz da Villa; quando se entrava n'esta, as aguas já molhavam o solo d'este abençoado Paiz. No dia seguinte a abundancia das chuvas não foi muita, mas hoje sobre a madrugada, estando o vento sueste por algumas horas, passando depois a noroeste, e agora (4 da tarde), tornando outra vez o estado da manhã, nos tem mimoseado com abundancia d'agua: é de esperar que, se o vento se demorar onde existe, a maior parte dos nossos males estarão remediados. — Eis-aqui, Sr. Redactor, a verdade pura e singela dos acontecimentos d'estes tres dias, que julguei dever communicar-lhe, por saber que V. se interessa pelo bem do nosso caro Paiz.

Loulé, 20 de Março de 1849.

J. J. J.

Prova de Fé.

O ALTO conceito, em que temos a vocação oratoria do Sr. Padre Malhão, faz com que não devamos publicar esta carta sem applaudir o louvor, que, em uma só palavra, o nosso distincto correspondente achou para prestar homenagem a um dos mais respeitaveis e modestos ornamentos da nossa Egreja.

Oxalá que, sahindo do retiro em que vive, o Sr. Malhão viesse fazer resoar a sua voz eloquente nos templos da capital.

350 SR. REDACTOR. — O Jornal é o monumento em que se gravam e registam os acontecimentos mais notaveis da epocha. A REVISTA desempenha essa condição, e não se despresa de descer ás manifestações populares, as mais modestas e obscuras, colhe-las, e commemora-las nas suas columnas. Por isso me lembrei de pedir a V. que registe na REVISTA a manifestação religiosa mais edificante, mais concorrida, e mais piedosa de quantas ha memoria n'esta localidade. — A secca e o extenso estio que íam correndo, enchiam de sustos e de inquietação todas as povoações d'este concelho. O povo portuguez é por condição religioso. Aqui, como por toda a parte da provincia, acreditou-se que só Deus podia valer-nos n'uma crise tão annuveada de receios e d'aprehensões. Todos nos voltámos para o *Bom Jesus do Carvalhal*, para essa imagem do Creador, tão edificante e tão prestigiosa. No ultimo domingo concorremos alli em procissão de penitencia, as freguezias do Cadaval, Carvalhal, Bombarral e Vermelha. — Era magestoso de ver surgir procissões de todas as aldeias, affluirem ao mesmo ponto, com muitos dos santos das suas ermidas e parochias, pedirem a Deus misericordia. Na egreja, aliás vasta e espaçosa, não cabia uma quinta parte do povo que concorreu. Prégou o Sr. Malhão, o *Bourdaloue* portuguez. Não houve coração que se não commovesse e edificasse, e olhos que não chorassem. Que espectaculo tão grandioso, para o homem que pensa e crê, o ver orar e chorar muitos milhares de pessoas! As procissões foram promovidas e dirigidas por dois jovens. Aprendam n'isto os *cabelleiras brancas* do seculo passado as tendencias que caracterisam a nova geração. Não houve uma occorrencia qualquer que alterasse a ordem e a decencia no templo, no atrio, nem no transito. O clero, a auctoridade administrativa, as influencias d'esta localidade, e o povo, todos se empenharam para o mesmo fim. No regresso das procissões chovia branda e suavemente. Os campos sorriam-se com o orvalho do céu; o povo bemdizia o Creador.

Seria milagre ou casualidade?

Respondam os scepticos...

Sanguinhal, 21 de Março de 1849.

Sou, etc.

M. M. CAMPOS FEU E TORRES.

Representação no theatro do Salitre.

351 EM a noite de 21 houve no theatro do Salitre uma representação em beneficio de pessoas desvalidas.

Todas as partes de homem foram representadas por quem não professa a arte dramatica. Duas actrizes, uma das quaes foi a Sr.ª Emilia, auxiliaram esta boa acção.

Representaram a Estella e o Casamento no tempo de Luiz XV. No drama o Sr. Guimarães sustentou os seus antigos creditos de Coimbra — não é um actor, é uma intelligencia que representa. O seu talento foi tambem brilhantemente provado na recita do *Gomes Freire*. Os versos não se recitam com os labios, repetem-se com a alma. O Sr. Guimarães satisfez este preceito, e variou, como era mister, os affectos e a voz nas differentes fórmas com que o metro revestiu o protesto de amor da patria, lavrado pelo Sr. Palmeirim no anniversario de um triste e vergonhoso facto da nossa historia moderna.

Na comedia o Sr. Almada representou com a mestria de um actor. Parece impossivel que, só por curiosidade, se tente o commettimento de representar uma parte tão trabalhosa, e o que mais é que se leve a cabo com tanta felicidade. O Sr. Almeida é digno de louvor. Em geral, todos quantos representaram tinham estylo seu, e não copiaram os meritos ou defeitos dos nossos actores. Este facto não deve ficar sem louvor. A Sr.ª Emilia foi, como sempre, interessante e affectuosa. Não fallâmos na sua entrada para o theatro do Rocio, porque mais de uma vez, sobre este ponto, nos tem respondido com o silencio dos tumulos... de oiro.

Roubo violento.

352 EM a noite de 11 do corrente, pelas 4 horas, quando o dono de um armazem de venda de ba-

calháu, no Largo do Conde Barão, tractava de fechar a sua loja, é procurado por um homem, que lhe pertende comprar uma arroba do referido genero. Assim que tracta de realisar a venda, é agarrado por dois homens, que, depois de lhe prenderem as mãos e taparem a bocca, o amarram pelo pescoço á argola de um bahú. Feito isto, roubam o dinheiro que encontraram, e sahem: ambos vinham vestidos de jaqueta, e um tapou a cara com um lenço quando perpetrou o crime. O pobre homem roubado, ao qual só ficára livre o movimento, que o podia enforcar se quizesse arrastar-se para a porta, passou a noite mui atribulado, até que foi encontrado n'este triste estado por uma vendedeira de leite, que estranhou a tardança d'elle abrir a porta da loja, e que, achando-a aberta, descobriu o que se tinha passado.

Homicidios.

353 É PARA lamentar, que a pacifica vida que passam as nossas provincias, seja tanta vez perturbada por desavenças, que o homicidio marca com o sello do crime.

Convem apontar para estes tristes factos como se fossem outros tantos clamores, que pelo reino pedem o pão do espirito, que se deve distribuir ao pé do altar do presbyterio e ao pé da eschola da aldeia.

É com este intento que nós hoje lamentamos, que na freguezia de Tecla, concelho de Celorico da Beira, aos olhos de um filho de 7 annos lhe fosse assassinado o pae, quando trabalhava em uma horta, e que ainda depois de morto fosse picado com a faca que lhe dera a morte.

Na villa de Sabrosa foi um individuo assassinado com um tiro de pistolla, desfechado á queima roupa.

COMMERCIO.

354 Cereaes em 27 de Março.

Trigo do reino rijo	de	370	a	480	réis a bordo.
» » molle	de	440	a	540	» »
» da ilha	de	400	a	460	» »
Milho do reino	de	280	a	290	» »
» da ilha	de	220	a	225	» »
Cevada do reino	de	210	a	240	» »
» da ilha	de	200			» »
Centeio do reino	de	250	a	270	» »

—Na praça de Londres, foram, em 16 de Março, cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco		Fechados.		Por 100.
Consolidados	3 p. %	90½	90⅝	»
Redusidos	3 »	Fechados.		»
Fundos	3¼ »	»		»
Exchequer bills de Março		—	—	Premio.
» de Junho		40	43	»

ESTRANGEIROS.

Belgas	4½	»	—	—	Por 100.
Brasileiros	5	»	80	83	»
Dinamarquezes	3	»	—	—	»
Hispanhoes	5	»	15¾	16¼	»
Ditos	3	»	28¾	29¼	»
Hollandezes	5	»	78¾	79¼	»
Ditos	2½	»	48¾	49¼	»
Mexicanos	5	»	27½	28¼	»
Portuguezes	4	»	26½	27½	»
Ditos consolid. 1841	—		25½	25½	»
Ditos divida interna	—		Sem preço.		—
Russos	5	»	107	108	»

—Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa		52⅞	53	Por 1$000 rs.
Porto		53		»
Rio de Janeiro		24½	25	»
Bahia		—	—	—
Paris	25	20	25	»

Praça de Lisboa, 28 de Março.—Não tem havido alteração que se deva notar.

—*Estado do mercado em 28 de março de 1849.*

Assucar.—Para fóra tem affrouxado a procura.—A sahida para a terra tem continuado activamente. Falta o branco bom de Pernambuco.

Café.—Pouco procurado.

Urzella.—Houve algumas vendas a 6$000 rs.—Os possuidores estão firmes em mais de 6$000 rs., a que não ha compradores.

Cera.—Tem-se vendido a 225 a amarella, e 240 a branca d'Angola. Os possuidores recusam vender a estes preços.

Marfim.—Frouxo.

Correspondencias.

355 *MIRANDELLA, 17 de Março de 1849.*—Sr. Redactor.—Desde o dia 27 de Dezembro preterito, que para estes sitios não choveu:—os pães, mormente o centeio, que é o cereal predominante do lavrador, porque o lança nas terras de ladeira, e nos montes, unico fructo que produzem, jazem abatidos uns, e outros mal se enxergam, sobre tudo os semeados nos terrenos calcareos e argilosos.

Os que apresentam uma perspectiva mais lisongeira teem apenas um palmo de altura, mas assim mesmo enfesados, não só pelo tempo lhes haver corrido secco, como pelas nortadas que teem soprado n'este mez. De sorte que nos move a compaixão ver-lhes o desenvolvimento; parece-nos provavel que não cheguem a germinar, ainda que brevemente lhes venha a agua mitigar a sequiosidade!

Mas se a estação continua assim mais quinze dias, prevemos mais lastimosas consequencias, redobrando a penuria dos cereaes, que o lavrador já deplora com a classe mediana; porque vê propinqua a fome

a introduzir-se-lhe em caza, e frustrado o seu affanoso trabalho, porque o centeio constitue a principal industria do mór numero dos lavradores d'esta provincia, pobres na generalidade. O pão é o nucleo d'onde sahem todas as despezas domesticas para parte do anno; porque quando o lavrador vê aproximar-se a epocha da nova sementeira, vê já a tulha esgotada, e a necessidade de mendigar de porta em porta o numerario para comprar a semente, que alcança a troco da *maxima usura dos especuladores;* tudo isto associado inda á angustia com que a mulher e filhos aguardam a futura colheita para terem pão!..

Nenhuma de nossas provincias, certamente, carece tanto de um banco rural, que occorra ás necessidades do lavrador, como esta, que não possue manufacturas, nem outros elementos de prosperidade. Ácerca de suas necessidades e atrasamento a todos os respeitos fallaremos mais d'espaço.

O caso é que a escassez da chuva ha de influir na esterilidade de todos os outros fructos agricolas.

O gado lanigero, especialmente, vae já sentindo a falta de poisios: — é de notar que, para aqui, os creadores ou proprietarios d'esta especie de animaes não se habilitam para a sua sustentação com pastos artificiaes ou penso para elles: — os homens que pastoreiam os rebanhos, apascentam o gado pelos montes, pelos poisios e ribanceiras, de maneira que os proprietarios não despendem nada com a sustentação d'elle.

As fazendas dos estranhos contribuem involuntariamente para a apascentação, sendo invadidas *impunemente* por assaltos nocturnos, e até diurnos, dos pastores, quasi todos *homens desmoralisados e malfeitores.*

Por todas estas rasões que deixamos esboçadas, temos de fé que os cereaes hão de subir de preço ao aproximarem-se as futuras colheitas.

Por emquanto conservam o mesmo preço, que exarámos na Revista sob data de 10 de Fevereiro. O azeite é que subiu desde então 250 em almude, tendo-se vendido aqui a 2$650: ha de ir subindo pouco a pouco.

J. S. Rodrigues Cardoso.

—

Porto, 24 de Março. — Sr. Redactor. — Não estranhe a falta de noticias minhas: a vida commercial é aqui monotona como o resto da existencia. Ha annos que eu só vou á praça saber novas da continuação da nossa decadencia. Ahi vão hoje alguns factos, para que os seus leitores não pensem que eu me esqueci do que tenho como dever. O mercado dos vinhos refrescou alguma coisa. Os cereaes ainda não deixam de prometter alguma alta: por emquanto o trigo está a 700 rs., o milho a 320, e a cevada a 220. Tem havido algumas vendas de café por preço egual ao que vejo cotado no seu Jornal para a praça de Lisboa, isto é, 1$400, com algumas diminutas variações. Entre 90 a 95 rs. cada arratel vae tendo muita extracção o algodão para as fabricas nacionaes, e digam lá que as não devem proteger.

Nos generos coloniaes tem havido algum movimento em geral. Desconto de Notas 41½ a 42 por 100.

—

Mappa estatistico da colheita do Sal, nos Districtos Aministrativos do Continente do Reino, abaixo designados, no anno de 1848.

Districtos	Moios	Alqueires
Vianna do Castello.	1	»
Porto.	6	4
Aveiro	24:374	»
Coimbra	23:250	»
Lisboa	255:164	»
Santarem.	127	30
Faro	4:886	»
Total	307:808	34

Expediente.

ESCRIPTORIO — Rua dos Fanqueiros n.° 82.

Correspondencia franca de porte — ao Redactor e Proprietario da Revista Universal Lisbonense.

Assignatura.

Doze numeros. . . . . $600 réis.
Vinte e quatro ditos . . . . . 1$200 »
Quarenta e oito ditos. . . . . 2$400 »

Por assignatura sahe cada numero a 50 réis: *avulso* vende-se por 80 réis.

De qualquer ponto do reino, assigna-se por meio de carta, e em Lisboa no Escriptorio e na Rua Augusta n.° 8, e nas mais lojas em que se annunciar.

Todos os artigos, não assignados ou marcados, pertencem á Redacção.

A Empreza tem correspondentes em todos os Districtos do Reino, Ilhas, e nos Portos do Brazil.

Todos os collaboradores estrangeiros ou nacionaes são bem vindos.

A Revista acceita e troca com todos os jornaes portuguezes e estrangeiros.

Roga aos leitores das provincias e do Brazil, que communiquem os conhecimentos dignos de se publicarem em um Jornal como a Revista.

— Justo motivo nos impediu de, para este numero, escrevermos alguns artigos, que a Revista devia inserir para desempenhar o seu plano: um d'estes é o que se devia referir ao drama do Sr Castilho.

— A noticia, que nos remetteram do Sanguinhal, por mão do nosso amigo o Sr. P. R. da Fonseca, será publicada.

— Extraviou-se o artigo que, de Castro Verde, nos remetteram em 20 do corrente — o que sentimos.

— A carta do Secretario da Meza da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo será publicada.

— Recebemos os seguintes jornaes do Rio de Janeiro:

Auxiliador da Industria Nacional.
Chronica Litteraria.